

MÚSICA EM UM PROJETO SOCIAL COM JOVENS: reflexões sobre alguns caminhos¹

Maria Cecília de Araujo Rodrigues Torres *

RESUMO

Este artigo relata minha experiência sobre projetos e movimentos sociais e música. Essa temática vem sendo amplamente discutida e implementada nas últimas décadas no Brasil em múltiplos espaços e por meio de diversos planejamentos e ações. Dentre os objetivos do Projeto enfatizo o fato de possibilitar que estes jovens tenham a oportunidade de realizar atividades de musicalização por meio de práticas instrumentais e também a criação de um grupo instrumental para apresentações em outros cenários. Esta experiência trouxe contribuições específicas em relação ao trabalho com flauta doce e a organização de um grupo instrumental com jovens participantes de projetos sociais, e, com certeza, as aprendizagens que acontecem nas interações sociais e musicais que emergem nas trocas entre os jovens alunos e a aluna bolsista e eu estão sendo singulares para repensarmos práticas musicais e sociais.

Palavras-chave: Projetos sociais – Práticas musicais – Práticas sociais

ABSTRACT

MUSIC IN A SOCIAL PROJECT WITH YOUTHS: reflections about some pathways

This paper presents my experience with social projects and movements as well as with music. This thematic was widely discussed and implemented in the last decades in Brazil through multiple spaces and by diverse planning and actions. Among the objectives of the project, the fact that, it makes possible that these youngsters had the opportunity of conducting activities of musicalization by means of instrumental practice and also creating an instrumental group for presentations in other scenarios, must be highlighted. This experience brought specific contributions in relation to working with flute and the organization of an instrumental group with youngsters participating of social projects and, certainly, the knowledge which occurs in the social and musical interactions that emerge in the exchanges between youngsters, the research assistant and I, are unique and enable us to rethink social and musical practices.

Keywords: Social projects – Musical practices – Social practices

¹ Agradeço e dedico este texto aos jovens flautistas do Projeto e à aluna bolsista de apoio extensionista Francilene Maciel da Rocha. Agradeço também o apoio e incentivo das professoras Cláudia Maria Leal, coordenadora do Curso de Licenciatura em Música do IPA, e Edilene Souza Santos, coordenadora do ILEM, que acreditaram e possibilitaram que este Projeto criasse corpo. Obrigada!

* Doutora em Educação. Professora do curso de Licenciatura em Música do Centro Universitário Metodista – IPA. Email: mariaceciliaartorres@yahoo.com.br.

Considerações sobre o tema

Nos limites deste artigo, apresento o relato de uma experiência apoiada em algumas considerações sobre a temática de projetos sociais, movimentos sociais e música, amplamente discutida e que vem sendo implementada, nas últimas décadas, no Brasil em uma multiplicidade de espaços e por meio de uma diversidade de planejamentos e ações. Com escreve Santos (2006):

Um dos grandes desafios da educação musical contemporânea tem sido contemplar a diversidade sociocultural existente, bem como encontrar meios de aproximar significativamente a música dessas realidades, considerando assim contextos, espaços e metodologias que transcendem os universos formais das instituições (2006, p.108).

A minha ligação com esta temática remonta ao início da década de 1980, quando morava na cidade do Rio de Janeiro e fui convidada a participar de um Projeto gerado e gestado pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro e que tinha como foco central desenvolver atividades de Música e Artes Visuais em dois polos na região da Baixada Fluminense, com encontros duas vezes por semana. Foi uma experiência que durou um ano letivo e despertou em mim muitos questionamentos e estranhamentos como docente, pois até o momento atuava como professora de música em uma escola de ensino particular de educação infantil e ensino fundamental, e também ministrava aulas particulares de flauta doce para crianças, jovens e adultos.

Mais de duas décadas após o término destas ações, continuei envolvida em outras experiências com projetos sociais e música, ora levando o grupo instrumental de crianças e jovens no qual atuava como regente para apresentações em escolas de ensino fundamental da periferia, ora (mais recentemente) atuando como professora orientadora com estagiários do curso de música em ONGs ou abrigos para crianças e jovens, ora coordenando um projeto social de educação musical em duas instituições conveniadas com o Centro Universitário onde atuo como docente. Uma destas Instituições é uma creche que atende a 80 crianças entre três meses e seis anos, ligada à comunidade metodista, e a outra é uma instituição ligada à Igreja Católica, que atende

a jovens em situação de vulnerabilidade social, com atividades de computação, oficinas diversas e flauta doce no turno inverso ao da escola, e que atende a jovens entre 13 e 15 anos, e que serviu de inspiração para este texto e estas reflexões.

Na busca de referenciais teóricos que abordam e desenvolvem pesquisas com este tema, destaco investigações das áreas da Educação, Sociologia, Sociologia da Música e da Educação Musical, enfatizando entre eles os de Piana (2007), Bozon (2000), Almeida (2005), Arroyo (2002), Fialho (2003), Souza (2004), Muller (2004), Kleber (2003, 2008) e Santos (2006).

Dentre os tópicos de discussão que permearam estas leituras e desencadearam reflexões ao longo da escrita deste texto, chamo a atenção para o termo cidadania e, assim sendo, trago ideias de autores como Simeone (2005), com o qual compartilho para trabalhar cidadania como possibilidade e não como algo que “se concede”, mas sim algo que está em “permanente construção”. O autor pontua que:

Cada época e cada lugar produziram um sentido diferente para a cidadania. É um termo que, de tão amplo, pode nos confundir. No entanto, é bom mesmo que seja amplo e, por isso, trivial, pois quanto mais tentarmos aprisionar seu conceito, tanto menores serão as possibilidades de que ele seja efetivamente incorporado como *práxis* cotidiana (2005).

Mesclo as argumentações de Simeone (2005) com as de Benevides (2010) no que tange à discussão sobre o conceito de cidadania e a sua multiplicidade de interpretações com questões apresentadas neste artigo, como os papéis sociais de protagonistas, os lugares de onde falam e as decisões dos jovens integrantes deste projeto social musical. Pude perceber que estas ações cotidianas estão imbricadas com questões da cidadania, ora com uma recusa de um jovem em tocar e participar do ensaio por questões pessoais, ora pela insistência de outros dois jovens em aprenderem determinada música com muita rapidez, ou em outra situação em que um aluno queria muito ter o seu instrumento para tocar em casa, compra de um vizinho uma flauta soprano e leva para o ensaio seguinte. Neste sentido, Benevides ressalta que

A própria palavra cidadania já se incorporou de uma tal maneira ao nosso vocabulário que, sobre

certos aspectos, ela até tende a virar substantivo, como se representasse todo o povo. Muitas vezes já ouvimos, por exemplo, de uma autoridade política a expressão: a cidadania decidirá, precisamos ouvir a voz da cidadania! (2010, p.2).

Ainda em relação aos estudos advindos do campo da Sociologia e que envolvem música e movimentos sociais, Piana (2007) enfatiza que “a pesquisa em torno da utilização de músicas por parte dos movimentos sociais é um tema ainda pouco estudado pela sociologia”. O autor complementa suas reflexões ao pontuar que, neste sentido, “há, portanto, um grande caminho a se percorrer, visando identificar os significados desse tema para o debate atual” (2007, p.502).

Considero pertinente destacar, ainda, pesquisas da área da Educação Musical, como a de Souza (2004), na qual a autora faz reflexões e questionamentos a respeito da música como um fato social e enfatiza os movimentos sociais dos adolescentes com as múltiplas tribos musicais. A autora chama a atenção para a compreensão destas práticas sociais dos alunos como um

espaço do viver, habitar, do uso, do consumo e do lazer, enquanto situações vividas, são importantes referências para analisar como vivenciam, experimentam e assimilam a música e a compreendem de algum modo. Pois é no lugar, em sua simultaneidade e multiplicidade de espaços sociais e culturais, que estabelecem práticas sociais e elaboram suas representações, tecem sua identidade como sujeitos socio-culturais nas diferentes condições de ser social, para a qual a música em muito contribui (2004, p.10).

Com base nas ideias de Souza, e no intuito de percorrer estes caminhos com uma multiplicidade de espaços sociais, inicio este relato de experiência e apresento o *Projeto Travessia* e seus jovens integrantes, parceiros que vão compor este texto por meio de fragmentos de suas vozes, sonoridades na flauta doce e movimentos corporais como práticas sociais.

O Projeto Travessia e o contexto do ILEM

No final de 2008, como professora do Curso de Licenciatura em Música do centro Universitário

Metodista – IPA, situado na cidade de Porto Alegre/RS, elaborei, em conjunto com a coordenadora do Curso, um Projeto de Extensão com o foco de desenvolver atividades musicais em instituições conveniadas, na perspectiva de oportunizar aos alunos vivências e experiências musicais diversificadas.

No início de 2009, o projeto foi aprovado e iniciamos as atividades no Instituto Leonardo Murialdo (ILEM) em abril de 2009, com a participação de uma aluna bolsista de extensão para as práticas musicais, além da minha participação como professora responsável pelo estudo.

O Instituto Leonardo Murialdo, situado à Rua Vidal de Negreiros, no bairro Partenom, em Porto Alegre/RS, é uma instituição ligada à Igreja Católica e faz parte da Rede Social Murialdo. Funciona na cidade de Porto Alegre desde 19 de março 1954. Está situado mais especificamente na comunidade do Morro da Cruz e desenvolve seu trabalho na área da ação social e educacional prioritariamente com crianças, adolescentes e jovens em situação de desigualdade social, com ações no campo da educação formal e iniciação profissional.

Um dos projetos desenvolvidos nesta instituição é o *Projeto Travessia*, que trabalha junto a um grupo de adolescentes de 13 a 15 anos, todos moradores da comunidade do Morro da Cruz e que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Neste projeto, existem várias oficinas, que são oferecidas em dois turnos, tendo como objetivo proporcionar atividades extracurriculares e, também, evitar a evasão escolar, pois um dos requisitos para participar do projeto é ser matriculado e assíduo na escola, de modo que eles participam das oficinas em turnos inversos aos das aulas. Neste contexto do ILEM e do *Projeto Travessia* começamos a desenvolver as aulas de flauta doce com duas turmas de jovens.

Em relação ao alcance destas práticas musicais em diferentes projetos musicais e os entrelaçamentos destas ações com a constituição identitária destes jovens participantes, na perspectiva de assumirem e redefinirem papéis sociais e culturais, destaco um excerto de pesquisa de Kleber (2008), sobre as práticas musicais em ONGs como fator de inclusão e exercício da cidadania. A autora enfatiza em seu texto que

a compreensão das práticas musicais enquanto articulações socioculturais permeadas de formas e conteúdos simbólicos se refletem no fluxo e refluxo da organização social e no modo de ser dos respectivos grupos, em que a construção de identidades individual e coletiva tem seu lastro no processo histórico rememorado e reconhecido pelos atores sociais. Trata-se, portanto, de uma construção e reconstrução das identidades sociais e culturais de grupos sociais em que a diversidade cultural implica a formação/configuração dos mesmos (2008, p.2).

Em concordância com as ideias de Kleber quanto aos processos de construção e reconstrução das identidades culturais e sociais destes jovens, passo a apresentar alguns tópicos que são norteadores do trabalho musical desenvolvido com o grupo de flautas doce no ILEM.

Fazendo Música no Nota&Ação Musical

Apresento, a seguir, alguns dos aspectos que foram fundamentais para a implementação desta proposta musical neste espaço. Chamo a atenção para a acolhida, por parte da instituição, do Projeto, com a criação e organização de um espaço para as aulas de música. Nesse contexto, a aquisição

de flautas doce em número suficiente para todos os alunos certamente foi uma ação que auxiliou no andamento e na consolidação do *Nota&Ação Musical*. Não posso deixar de ressaltar também as reuniões e conversas que aconteceram com a coordenação pedagógica e direção do ILEM, antes mesmo do início das práticas musicais.

Outro fato que merece atenção é o nome dado ao Projeto: trata-se de uma escolha da própria instituição, com o objetivo de identificar esta proposta como um trabalho *de e com* músicas e notas musicais, mas mesclado aos movimentos e ações sociais por meio das músicas que estes jovens fazem. Sendo assim, está articulado com as afirmações de Kleber (2008, p.2) acerca dos objetivos de projetos sociais que visam a congregar grupos de jovens “em desigualdade social e realizar um trabalho socio-educativo voltado para o exercício da cidadania”. A autora enfatiza que a perspectiva da análise e interpretação desses campos empíricos parte do princípio de que a música é fruto de práticas sociais que interagem na dinâmica da diversidade cultural (2008, p.2). Com base em considerações sobre a identidade do projeto e a sua constituição como prática musical e social, apresento alguns dados e objetivos do *Nota&Ação Musical*:

| |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> • Proporcionar espaço de estágio aos alunos do Curso de Licenciatura em Música; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Proporcionar às crianças e jovens, vivências e práticas de educação musical; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Possibilitar que estes jovens tenham a oportunidade de realizar atividades de musicalização por meio de práticas instrumentais; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Utilizar a flauta doce, a voz, o teclado e a percussão instrumental e corporal como instrumentos musicais e trabalhar com a ampliação musical e os saberes do grupo de jovens; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Possibilitar que estes jovens tenham a oportunidade de realizar atividades de musicalização por meio de práticas instrumentais e a formação de um grupo instrumental para apresentações em outros espaços; |
| <ul style="list-style-type: none"> • Trabalhar na perspectiva da música como prática social e cultural: atividades com um repertório eclético. |

Finalizo este tópico com algumas ponderações relacionadas ao fato de optarmos por realizar ações de educação musical com jovens em situação de vulnerabilidade social e, desta maneira, trago argumentações de Kater (2004), em artigo intitulado *O que podemos esperar da educação musical em*

projetos e ações sociais ao elencar tais questionamentos:

Por que realizar um trabalho, uma ação educativa junto a projetos sociais? Qual é de fato a sua importância? E, isso respondido, trabalhar quais músicas, para educar quem? Crianças, adultos,

idosos, jovens de qual situação socioeconômica e cultural? (2004, p.46).

Que grupo é este

O trabalho começou em abril de 2009 com o grupo dividido em duas turmas, tendo cada uma delas um número de 10 a 13 alunos e com um encontro semanal de 1h15min para as aulas com flauta doce. O primeiro grupo ficou com 10 alunos e o segundo com um número entre 13 e 15 alunos, pois este número de alunos variava de aula para aula. Cabe enfatizar que este número de alunos sofreu oscilações ao longo do ano e em alguns momentos tivemos apenas um grupo composto por 13 ou 14 jovens, enquanto em outros havia dois grupos. A faixa etária dos alunos é entre 13 e 15 anos, e todos eles estão cursando a escola regular, pois este é um dos pré-requisitos para participarem do *Projeto Travessia*.

A questão da mobilidade dos integrantes de projetos sociais, seja com a desistência ou troca por outras atividades, seja por questões de mudança de endereço da comunidade, ou por outros motivos pessoais, é um fator bastante frequente nos grupos que se formam nestes espaços e, certamente, constitui um desafio para os educadores musicais que atuam com grupos instrumentais, vocais ou bandas. Nesta perspectiva de se trabalhar com a efemeridade e com a mobilidade dos grupos, penso que busquei juntamente com a aluna bolsista trabalhar em função do grupo que havia em cada encontro e também no momento das apresentações.

No que tange ao tema da mobilidade dos alunos ao longo da realização de projetos sociais, considero um tema recorrente em alguns relatos e, desta maneira, um desafio para os educadores musicais envolvidos nestas práticas, pois os grupos estão em constante movimento. Durante o segundo semestre de 2009, tivemos a entrada de mais jovens para o grupo de flautas, e destaco que o envolvimento crescente por parte deles e também o apoio da instituição, que adquiriu flautas para todos os integrantes, mandou construir estantes de madeira para apoio de partituras e confeccionou camisetas para o grupo, foram questões fundamentais para o fortalecimento do mesmo como grupo social e musical. Dentre as

repercussões do grupo na comunidade e fora, pontuo algumas como:

√ - Realização de quatro apresentações musicais durante o segundo semestre de 2009, nas quais o Grupo *Nota&Ação Musical* apresentou-se para grupos variados. Enfatizo a participação dos jovens no *III Encontro da juventude*, evento realizado no ILEM que reuniu mais de 250 jovens e crianças de diferentes projetos e programas sociais, com apresentações de dança, coral, teatro, violão, flauta doce e o grupo de senhoras da comunidade. O *Encontro* já faz parte das ações do ILEM e teve a duração de 4 a 5 horas, com a organização de um lanche para todos e, constituindo-se com certeza na apresentação com o maior público, sendo a grande maioria composta por jovens da comunidade e da Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) e também de outros projetos sociais de instituições parceiras.

√ - Apresentações na Festa de Natal dos alunos da instituição, momento em que participam todos os educadores, alunos e funcionários, e representantes de instituições parceiras que atuam com estes jovens. Segundo o relato dos jovens, foi um momento de muita emoção para alguns, por poderem receber cartas e presentes dos seus padrinhos que moram no exterior e também de despedida para alguns que estavam deixando o Projeto em função de cursos profissionalizantes ou técnicos.

√ - Participação com o grupo na Missa Natalina de despedida do semestre, com o envolvimento da comunidade e das crianças da creche do ILEM e a execução da música *Noite Feliz* ao final da cerimônia.

√ - Apresentação no evento interno dos projetos sociais realizados ao longo do ano pela Rede Social Murialdo, para socialização e integração entre os grupos e seus coordenadores.

Tivemos ainda no segundo semestre de 2009 uma matéria e entrevista no informativo trimestral da Rede Social Murialdo, *Fala Sério*, com fotos dos alunos durante as aulas e um pequeno texto explicativo sobre o projeto musical e seus objetivos. Outro aspecto a destacar é que a memória visual deste grupo está sendo construída com fotos de todas as apresentações e momentos significativos, além da participação de educadores do ILEM e familiares ao registrarem as apresentações, assim

como postagens de fotos e comentários na página do *Orkut* de um dos integrantes do grupo.

Quais músicas escolher

Quem são os alunos e alunas, sujeitos com os quais dialogamos em sala de aula? Que músicas são referências e referentes para a cultura, com as quais esses alunos e alunas identificam-se, configurando os espaços e meios socioculturais do mundo em que vivem? Como jovens-crianças aprendem música?

Início a seção com esta citação de Souza (2004), na perspectiva de refletirmos sobre as nossas escolhas musicais em projetos sociais e atentarmos para os questionamentos da autora, que “podem orientar uma educação musical como prática social e que propõe ampliar o debate sobre ensino e aprendizagem de música e das dimensões curriculares dentro e fora da escola [...]” (p.9-10).

Escolher o repertório e selecionar as peças para um trabalho com grupos instrumentais e, neste caso, especificamente com o grupo de flautas, envolve conhecer aspectos do cotidiano musical do grupo, quais são as escolhas musicais destes jovens e como adaptar determinadas músicas para serem trabalhadas no instrumento e terem um resultado musical que agrade ao grupo. Os jovens precisam estar interessados em tocar esta ou aquela música, em ter vontade de executar um determinado repertório com significado para eles.

No processo de seleção do repertório foi pensada não só uma maneira de abranger diferentes

estilos musicais, fazer música em conjunto, mas também levar em conta ao longo do trabalho pedagógico a flexibilização nos processos e procedimentos didáticos metodológicos e a criação de vínculos afetivos entre os jovens e nós, de forma que este trabalho dentro do ILEM “embase as relação interpessoal e gere confiança como condição básica para o aprendizado” (KATER, 2004, p.47).

Nesse caso, uma das primeiras atividades realizadas com os alunos foi a aplicação de um breve questionário como sondagem sobre as suas escolhas musicais, os cantores, grupos e estilos musicais. Estas respostas foram norteadoras e ajudaram a conhecer o grupo musicalmente, e, assim sendo, um dos objetivos ao organizarmos o repertório para ser trabalhado durante o ano foi o de levarmos em consideração as questões técnicas no instrumento, o resultado musical final e intercalarmos peças de diferentes estilos, épocas e compositores.

Retorno aos questionamentos propostos por Kater (2004), citados anteriormente, e reorganizo perguntas tais como: o que tocar na flauta doce? Com qual música começar as aulas? Quais são as expectativas musicais destes jovens em relação ao projeto? O que selecionar para esta faixa etária tocar em conjunto? Ressalto que estas questões foram analisadas com o objetivo de montarmos um repertório para os anos de 2009 e 2010, com a possibilidade de inserirmos outras músicas e estilos musicais. Apresentamos a seguir o repertório selecionado, composto por dez músicas, e que durante o ano de trabalho foi sendo revisto e repensado.

| Títulos das Músicas | | Compositores |
|------------------------------------------------|---------------------|----------------------------------|
| Bem-te-vi | | Maria Lucia Cruz Suzigan |
| Si-la-sol | | Maria Lucia Cruz Suzigan |
| Uma meia | Folclore brasileiro | Arr. Isolde Frank |
| Unidunitê | Folclore brasileiro | Arr. Isolde Frank |
| Serra, serra, serrador | Folclore brasileiro | Arr. Isolde Frank |
| Prende, que prende | Folclore brasileiro | Arr. Isolde Frank |
| Asa Branca | | Luiz Gonzaga |
| Tema da sinfonia nº 9 de Beethoven (À Alegria) | | Ludwig Van Beethoven (1770-1827) |
| Tumbalacatumba | | Arr. Viviane Beineke |
| Noite Feliz | Cantos natalinos | Franz Gruber |

Em relação aos critérios que envolvem a seleção de um repertório para determinado grupo vocal ou instrumental, não é uma tarefa simples para o educador ou regente escolher e justificar suas escolhas, e, segundo Torres et al. (2003), “nesse processo estão sendo delimitados ‘territórios de trabalho’ (GAULTHER ET al., 1998), uma vez que propor conteúdos de forma didática implica escolher aquilo que se julga digno de ser apresentado”. As autoras complementam as reflexões a respeito deste tópico e enfatizam que “é importante considerar que nessas escolhas estão embutidas as maneiras de ser de cada professor ou regente, com suas histórias, trajetórias e memórias biográficas musicais” (p.62).

Um dos procedimentos que adotamos para apresentar as músicas novas para o grupo foi de fazer a execução na flauta e, em muitos casos, apreciarmos a gravação das mesmas. Em seguida perguntávamos se conheciam a música, de onde ela era e se gostariam de tocá-la. Na grande maioria das vezes, eles cantarolavam ou batiam palmas acompanhando o ritmo e respondiam que queriam aprender.

Cenas musicais

São 8 horas da manhã de uma quinta-feira chuvosa em Porto Alegre. A comunidade de jovens alunos do Instituto Murialdo está reunida no pátio da instituição para as palavras do dia, com uma reflexão coletiva sobre um tema, antes de iniciarem as atividades do dia (TORRES, 2009).

Com base neste excerto de uma cena que guardei na memória e revi muitas vezes ao longo do ano de 2009, relato um dia de trabalho com as aulas de flauta doce no *Projeto Nota&Ação Musical*. Antes de começarem um dia de atividades, os jovens ficam reunidos no pátio da instituição e fazem uma reflexão coletiva baseada na leitura de um texto, reportagem ou de palavras sobre temas contemporâneos conduzidas pelo coordenador ou por algum educador, e em seguida vão para o café da manhã no refeitório. Esta rotina passou a ser como um *Prelúdio* que antecedia as atividades de flauta doce nas manhãs das quintas-feiras, e a cada nova semana emergiam percepções e vivências

diferenciadas. Eram as temáticas da fraternidade, violência, amizade, da feira do livro no Morro da Cruz, das vocações, do *Encontro da Juventude*, do *Projeto da Grande Troca trocas para a Bienal do Mercosul* e do *Projeto de inclusão social através da percepção urbana*, dentre muitos outros assuntos que compunham a agenda de atividades do ILEM.

No cotidiano das aulas de flauta doce das quintas-feiras pela manhã estão inseridas algumas rotinas que constituem o cenário do *Projeto Nota&Ação Musical*, a começar pela distribuição das flautas e lápis para os alunos, seguida pela chamada e por algum aviso. A seguir, começamos as práticas musicais com as flautas, em alguns encontros também utilizamos instrumentos de percussão como o pandeiro e o metalofone de teclas soltas para trabalharmos a questão harmônica e o acompanhamento.

As estratégias desenvolvidas nas aulas visam à realização do trabalho musical de muitas modalidades e com propostas diferenciadas, tais como ouvir e repetir mediante a técnica do eco na flauta doce, cantar as melodias antes de tocar, apreciar as músicas e tocar com acompanhamento do *playback*, fazer acompanhamento rítmico das músicas com percussão corporal, dentre outras. Neste sentido, compartilho das ideias de Santos (2006) no que diz respeito aos procedimentos pedagógico-musicais adotados nas práticas, e de acordo com a autora, ao analisar alguns aspectos de sua pesquisa com um projeto social em educação musical

foi possível perceber que suas propostas são desenvolvidas a partir de concepções contemporâneas de educação musical, tendo com base um processo ordenado de transmissão musical que envolve diferentes âmbitos: leitura, percepção rítmica e melódica, acuidade auditiva, execução instrumental e/ou vocal, entre outros aspectos (2006, p.106).

Aos poucos, a sonoridade das flautas, os sons agudos e graves, as palmas marcando o ritmo, os primeiros acordes das músicas no CD com o *playback* começam a compor a paisagem sonora do ILEM e a fazer parte da comunidade de jovens, em uma mescla com o som das vozes no corredor e a bola no pátio, nas atividades de educação física.

São práticas que incluem os exercícios de imitação e eco, as notas novas, as partituras analógicas grafadas pela aluna bolsista com o intuito de trabalharem com a leitura musical com base em grafias e símbolos, em um movimento de apresentarmos a partitura musical tradicional e as grafias analógicas.

Ao mesmo tempo, os jovens possuem uma pasta preta com plásticos na qual guardam todas as folhas das músicas e exercícios trabalhados nos encontros. Cada um personalizou uma etiqueta para sua pasta, e este material fica com eles, ao contrário das flautas doces, que são identificadas com os nomes de cada integrante e permanecem no Projeto. Este é um assunto que nos trouxe muitas reflexões e também o diálogo com a instituição em relação a esta decisão, pois sabemos que ao final de um ano de atividades muitos alunos não retornam para o Projeto, e desta forma os instrumentos musicais não retornariam para o ILEM.

O tocar com o acompanhamento do *playback* foi um marcador significativo para o interesse do grupo e o desejo de fazer música em conjunto. Nas músicas *Bem-te-vi* e *Si-lá-sol* foi usado o acompanhamento do CD com a gravação da melodia e a possibilidade de termos uma banda com vários instrumentos musicais tocando com o grupo. Foi um sucesso, e apresentamos as duas músicas nas apresentações, sempre com o *playback*.

Nas reflexões da aluna bolsista, em muitos momentos após os ensaios ou apresentações na própria instituição pode-se “perceber um orgulho pessoal em cada aluno, sentindo-se valorizados socialmente e musicalmente”. São atitudes que corroboram o significado de apresentar-se “para um grande número de pessoas de sua comunidade, recebendo aplausos e elogios, tornando para eles o estudo da música, a primeira de muitas conquistas” (ROCHA e TORRES, 2010, p.5).

Já as músicas *Asa Branca* e *Ode à Alegria* foram executadas com o acompanhamento da flauta contralto ou do teclado, o que também propiciou outras vivências musicais ao grupo. Especificamente na execução de *Asa Branca*, música que a grande maioria conhecia e logo quiseram tocar, e como tinha uma parte final da melodia com notas agudas e que os alunos ainda não sabiam como

executar no instrumento, combinamos então que a primeira parte seria feita com o grupo todo (*tutti*) e a segunda parte seria solo, retornando ao *tutti* com a primeira parte.

Finalizo este tópico com as considerações de Souza (2004) a respeito da Educação Musical e práticas sociais para não perder de vista que “como ser social, os alunos não são iguais. Constroem-se nas vivências e nas experiências sociais em diferentes lugares, em casa, na igreja, nos bairros, escolas, e são construídos como sujeitos diferentes e diferenciados, no seu tempo-espço” (p.10).

Finalizações

Encerro estas reflexões não com afirmativas e respostas para várias das questões listadas ao logo deste texto, mas com algumas ponderações e outros questionamentos baseados neste tema de larga abrangência e importância social e cultural. Tecer este artigo foi para mim um exercício no qual utilizei múltiplos fios, texturas e conceitos, e, em muitos momentos, foi como se estivesse tecendo e desmanchando uma manta ou uma cobertura para agasalhar. Foram muitos fios que se entrelaçaram e criaram *nós* com base nas crenças musicais e pedagógicas que me constituem como professora de música, juntamente com as sonoridades e ritmos do meu mundo musical e dos mundos musicais destes jovens.

O objetivo deste texto foi relatar e analisar aspectos de uma experiência musical em um projeto social com um grupo de jovens do ILEM, em Porto Alegre, e, desta maneira, dialogar com autores e socializar algumas questões com os leitores. Este relato acontece enquanto o grupo está no seu segundo ano de atividade e com várias mudanças como: a emergência de um novo contingente de integrantes, pois ocorreu a permanência de apenas dois alunos que participaram em 2009 e a entrada de 24 novos jovens para formarem as duas turmas; a aquisição de violões para atividades regulares com um professor do instrumento e a inauguração de uma sala de música, com decoração nas paredes com símbolos musicais, quadro de avisos para fotos e notícias musicais, estantes de madeira confeccionadas pelo marceneiro da instituição e

uma placa na porta. Este, com certeza, foi um marco na trajetória do Grupo *Nota&Ação Musical*, pois a partir do seu segundo ano de existência conseguiu um espaço apropriado para as aulas e, deste modo, vai delineando sua identidade musical dentro da instituição. Chamo a atenção para o fato de que o trabalho iniciou em 2010 com duas turmas de 12 ou 13 jovens, animados e motivados, talvez em parte por já terem assistido a apresentações do grupo e convivido com colegas que participaram do Projeto no ano anterior, ou por desejarem experimentar uma atividade musical nova para eles.

Não posso deixar de pontuar que estas reflexões foram fundamentais para eu pensar e repensar as

práticas musicais e sociais que são desenvolvidas no interior deste Projeto, e redefinir, juntamente com a aluna bolsista, outras músicas para compor o repertório do grupo como ,um Funk, um Rap, um Samba, um Pagode ou Rock. Terminei este texto com o desejo de continuar a atuar neste Projeto e fortalecer estas parcerias que unem duas instituições e sujeitos que integram estas redes, uma vinculada formalmente a uma rede social e a outra a um centro universitário de uma rede educacional, pois certamente as duas priorizam em suas práticas e planejamentos aspectos sociais, musicais e culturais, em um movimento constante de delinear identidades e redefinir papéis sociais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cristiane Galdino. **Educação musical não formal e atuação profissional: um survey** em oficinas de música de Porto Alegre. Porto Alegre, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- ARROYO, Margarete. Mundos musicais locais e educação musical. **Em Pauta**: revista do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, v. 13, n 20, p. 95-121, 2002.
- BENEVIDES, Maria Victoria. **Cidadania e direitos humanos**. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/artigos>>. Acesso em: jul. 2010.
- BOZON, Michel. Práticas musicais e classes sociais: estrutura de um campo local. **Em Pauta**: revista do Programa de Pós-Graduação em Música UFRGS, v. 11, n. 16-17, p. 146-174, 2000.
- FIALHO, Vânia A Malagutti. **Hip hop sul**: um espaço televisivo de formação e atuação musical. Porto Alegre, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n. 10, p. 43-52, 2004.
- KLEBER, Magali. Projetos sociais e a prática da educação musical. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 14., 2003, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS 2003.
- KLEBER, Magali. Projetos sociais e educação Musical. In: SOUZA, Jusamara. **Aprender e ensinar música no cotidiano**. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- MÜLLER, Vânia. Ações sociais em educação musical: com que ética, para qual mundo? **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n. 10, p. 53-58, 2004.
- PIANA, Marivone. Musica e movimentos sociais: perspectivas iniciais de análise. In: SEMINARIO NACIONAL MOVIMENTOS SOCIAIS, PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA, 2., 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2007.
- ROCHA, Francilene Maciel; TORRES, Maria Cecília A. R. Projeto notação musical: reflexões sobre práticas musicais em um projeto de extensão. In: ENCONTRO REGIONAL ABEM SUL, 13., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2010.
- SANTOS, Carla Pereira. Projetos sociais em educação musical: uma perspectiva para o ensino e aprendizagem da música. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 16., 2006. **Anais...** Brasília, 2006.

SIMOEONE, Márcio. A cidadania como possibilidade. **Diversa**: revista da UFMG, Belo Horizonte, ano 3, n. 8, out. 2005.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n 10, p.7-11, 2004.

TORRES, Maria Cecília A. R. et al. Escolhas e organização de repertório musical para grupos corais e instrumentais. In: HENTSCHE, Liane; DEL BEN, Luciana (Org.). **Ensino de música**: propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003.

Recebido em 21.05.10
Aprovado em 28.06.10